



**AMBIENTE**

# Terra arrasada

*Depois de limpar o ar, Cubatão não sabe como resolver o problema da poluição no solo e na água*

Quando se fala em Cubatão, cidade próxima do litoral paulista que abriga o maior pólo petroquímico do país, a imagem que vem à cabeça é de um lugar em que o oxigênio vale ouro e respirar é quase um ato de insanidade. Depois de sucessivas faxinas ambientais, no entanto, a poluição do ar deixou de ser o principal problema de Cubatão. As fábricas estão cumprindo os cronogramas de redução de poluentes e, em alguns trechos da Serra do Mar, que domina a cidade, as clareiras abertas pelos gases tóxicos começam a desaparecer, cobertas novamente pela portentosa Mata Atlântica. Hoje, técnicos e ambientalistas se mostram preocupados com outro tipo de sujeira. Uma série de estudos iniciados pela Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de São Paulo, Cetesb, aponta que, enquanto a poluição atmosférica, muito mais onipresente, está sob controle, o envenenamento do solo e dos

rios de Cubatão é bem maior do que se imagina.

A paisagem é desoladora. Os anos de descontrole produziram na região uma infinidade de lixões de produtos químicos sem nenhum tratamento, que perfazem hoje um total estimado em 2 milhões de metros quadrados. Muitas dessas áreas são compostas de camadas de substâncias como o pó-da-china, altamente cancerígeno, e o hexaclorobenzeno (HCB), que levam até trinta anos para degradar-se. Extremamente tóxicos, eles penetram no solo e acabam atingindo os lençóis d'água subterrâneos. Daí para os rios o caminho é curto. O Rio Pilões, por exemplo, transformou-se em boa parte num canal sem vida. A única forma de eliminar rapidamente o pó-da-china e o HCB é queimá-los em altíssima temperatura, cerca de 1 200 graus Celsius, equivalente ao calor produzido por um alto-forno. Outras substâncias químicas,

como os metais pesados, simplesmente não se degradam na terra. A mais perigosa dessas substâncias é o mercúrio, que pode causar desde uma simples intoxicação até distúrbios neurológicos, dependendo da quantidade ingerida.

**FAMÍLIA INTOXICADA** — Na década de 80, as indústrias despejavam a cada ano 4,7 milhões de toneladas de lixo sem tratamento no solo e na água de Cubatão. Hoje, esse número diminuiu para 1,6 milhão de toneladas. Isso foi possível porque as fábricas desenvolveram processos de produção que resultam em menos sujeira e porque várias delas se viram forçadas a tratar os dejetos químicos, utilizando filtros apropriados. Ainda assim, o estrago diário, somado aos danos acumulados no passado, deixa os técnicos arrepiados. Diferentemente da poluição do ar, que foi reduzida em Cubatão em 85% nos últimos dez anos, a um custo de 570 milhões de dólares, limpar o solo e os rios da cidade é uma tarefa mais complicada, assim como verificar exatamente os efeitos desse tipo de poluição na saúde dos habitantes da cidade. “Só pesquisando a fundo o solo e a água descobriremos as conseqüências de longo prazo sobre o ambiente e as pessoas”, explica o presidente da Cetesb, Nelson Nefussi.

No curto prazo, o operário Paulo Sérgio Thomaz, de 44 anos, sente na pele o que



FOTOS ARAQUEM ALCANTARA

**Depósito de pó-da-china e guará vermelho: paisagem desoladora e ecossistema alterado**

podem causar essas substâncias que envenenam a terra e a água de Cubatão. Ele tem 9,8 microgramas de HCB por decilitro de sangue. Ajudante de produção na Rhodia desde 1976, Thomaz começou a apresentar dores de cabeça, insônia e irritação constantes. Só em 1992, ao ler uma reportagem, relacionou o que sentia com as substâncias químicas que manipulava. "Como levava a roupa do trabalho para lavar em casa, minha mulher e meus dois filhos também se intoxicaram", lamenta ele. Thomaz não é o único a ter HCB no sangue. Outros 450 trabalhadores e empregados da Rhodia de Cubatão apresentam o mesmo problema. "Os níveis de HCB encontrados no sangue dos operários não representam risco para eles", afirma o gerente de meio ambiente da Rhodia, Lizê Monteiro, com uma segurança de que nenhum médico é capaz. Em 1993, a Justiça interditou a fábrica por colocar em risco a saúde dos funcionários. Por um acordo com a promotoria, a Rhodia manterá até 1998 o emprego dos funcionários e prometeu recuperar o solo contaminado com o pó-da-china.

**MOLUSCOS** — A desbragada poluição do pólo petroquímico produziu até um resultado inesperado e irônico: o reaparecimento na região de bandos de guarás vermelhos, parentes das garças, que havia trinta anos estavam desaparecidos na Região Su-



deste. Ao aterrar 3 500 hectares de mangue, para transformar a área em depósito de lixo, as indústrias criaram um lodo que viveu um enorme viveiro de moluscos. A fonte de alimentação fácil atraiu as aves. "Foi um ecossistema originado da devastação", diz o biólogo Fábio Olmos. Uma pesquisa da Fundação O Boticário contou 500 guarás vermelhos em Cubatão — uma população razoável, embora menos numerosa do que a existente no passado, quando os índios tupinambás caçavam essas aves na Baixada Santista para usar as penas em seus cocares. "Os guarás embelezam a paisagem, mas não se sabe o risco que estão correndo", alerta o biólogo Róbson Silva e Silva. Ainda não foram feitos exames com as aves, mas testes comprovam que mariscos, siris e peixes da região têm grande quantidade de mercúrio e HCB no organismo.

Os onze rios de Cubatão estão contaminados. A sorte, por assim dizer, é que a maior parte da sujeira se sedimentou no fundo. Basta a ação de uma draga, no entanto, para colocar todas essas substâncias tóxicas em circulação. Se isso acontecer, os reservatórios da cidade podem ficar comprometidos. "Esse não é um risco de ficção científica", diz o gerente da Cetesb, Elio Lopes dos Santos. Sem ter uma dimensão dos estragos ambientais causados pelo crescimento nos anos 60 e 70, Cubatão permanece em estado de alerta. ■